

Chapa 1 da CUT vence eleições com 73% dos votos

Entre os dia 28 de fevereiro e 1º de março foram realizadas as eleições para a nova gestão do Sindicato dos Metalúrgicos de Cachoeirinha. A Chapa 1 CUT venceu as eleições com 705 votos, o que representa 73% dos válidos. A Chapa 2, ligada à CTB, obteve 348 votos, o que corresponde a 27% dos votos válidos. Houve ainda 17 votos em brancos e outros 17 nulos.

A apuração dos votos iniciou às 20 horas, logo após o fechamento de todas as 11 urnas fixas e itinerantes, e encerrou por volta das 22h, quando a Comissão Eleitoral divulgou os resultados que indicaram a vitória da Chapa 1 CUT.

A chapa de oposição, apoiada pelo deputado José Stédile (PSB), era uma chapa antitrabalhista, afinal, o deputado apoiou o golpe que culmi-



nou na Reforma Trabalhista e na discussão da Reforma da Previdência.

“Os trabalhadores e trabalhadoras souberam reconhecer o trabalho que estamos fazendo aqui pela base de Cachoeirinha, com bons acordos coletivos, transparência na gestão. Souberam reconhecer quem está ao lado da classe trabalhadora desde o início da luta contra as Reformas nefastas do governo Golpista. Quero agradecer a todos que apoiaram a Chapa 1 - CUT, e reforçar nosso compromisso com catego-

ria metalúrgica. Estamos no rumo certo!”, agradece Marcos Muller, futuro presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Cachoeirinha



Golpe foi contra as mulheres trabalhadoras, aponta filósofa Márcia Tiburi

Em tempos de golpe e estado de exceção no Brasil, quem mais sofre com ataques aos direitos é a mulher, principalmente as mais pobres. O governo ilegítimo e golpista de Michel Temer (MDB-SP), com sua política neoliberal, não se importa com direitos da classe trabalhadora, menos ainda com questões fundamentais que garantem igualdade entre os gêneros.

A filósofa Marcia Tiburi, em entrevista, analisa as conquistas da luta feminista desde o direito de trabalhar fora e até andar de biquíni sem ser molestada; o machismo e o papel que a sociedade impõe as mulheres – de donas de casa perfeitas e também trabalhadoras – e o golpe de Estado que colocou homens, brancos e velhos no poder.

Marcia enxerga no golpe que tirou do poder a presidente eleita legitimamente, Dilma Rousseff “uma manobra para reestabelecer o poder do homem branco, proprietário, heterossexual, dono do poder. Foi um golpe executado por racistas, misóginos e neoliberais”.

Segundo ela, os governos Lula e Dilma sempre se contrapuseram a esse modelo conservador e, Dilma, por



ser mulher, foi o alvo o principal dos golpistas. “Essa pessoa [Dilma] sofreu na sua pele e no lugar [cargo de presidente da República] que lhe era assegurado por direito. Houve discurso de ódio contra ela, por ser mulher. Não dá para desconsiderar o caráter de preconceito de gênero do golpe”, afirma Márcia Tiburi, que complementa ressaltando o machismo dos meios de comunicação brasileiros: o ataque da mídia contra Dilma é algo feito constantemente contra todas as mulheres trabalhadoras.

Marcia Tiburi reafirma os avanços sociais dos governos Lula e Dilma, fala sobre a defesa da democracia e do direito de Lula ser candidato nas eleições deste ano, ressaltando como essas lutas são fundamentais para as mulheres, cujas conquistas estão sendo atacadas quase que diariamente pelo golpista Temer.

Para a filósofa a

mulher é a maior vítima dos ataques aos direitos sociais e trabalhistas que Temer vem impondo ao país desde 2016, “porque trabalham em dobro e numa sociedade neoliberal, na qual o machismo está enraizado, obrigando a mulher a ter dupla, até tripla jornada, e sem remuneração adicional”. Elas trabalham em casa para suas famílias, “para seus homens”, em caráter de “obrigação”.

“Direitos específicos para as mulheres não são privilégios e sim justiça social”

Por isso, a filósofa acredita que direitos específicos para as mulheres não são privilégios e sim justiça social. Um dos exemplos que ela deu é a idade mínima para a aposentadoria que hoje é de 60 anos para as mulheres e 65 anos para os homens. Essa diferença de idade, para Márcia, compensa o desequilíbrio social entre homens e mulheres.

O governo, em mais uma tentativa de ataque aos direitos das mulheres tentou aprovar uma reforma da Previdência, cuja votação foi suspensa graças à pressão do movimento sindical, que

aumentava a idade mínima de aposentadoria das mulheres, a princípio para 65 anos, depois baixou para 62, ainda acima da idade atual. Mas a luta continua!

Dia Internacional da Mulher
8 de Março

Nossa luta é por mais espaços no trabalho, na política e na sociedade.
Só assim a igualdade será realidade!

Logos of various organizations: CNM/CUT, FEDERACAO METALURGICOS DE CACHOEIRINHA, CONFEDERACAO NACIONAL DOS TRABALHADORES, and METALURGICOS DE CACHOEIRINHA.